

MEIRELES, Tânia Mara Silva. Tribana: o despertar de uma experiência expandida. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes – UFMG. EBA/UFMG; Professora Assistente. Doutoranda; Arnaldo Leite de Alvarenga. Artista Plástica, *Maitre* de Balé e Coreógrafa.

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre o trabalho de dança contemporânea intitulada Tribana (1983) apresentado pela Cia. de Dança Palácio das Artes da capital mineira, por entender sua importância artística e conceitual ao introduz elementos que podem ser considerados, na atualidade, como uma experiência expandida. Tal experimento propicia, em seu tempo (década de 80), o despertar da experiência expandida na arte da cena, introduzindo o entrelaçamento de fronteiras entre a dança, a performance e o teatro, gerando uma quebra de padrões estéticos, fator inovador e realizado pela primeira vez na trajetória da Cia. mineira, que rompe com suas próprias barreiras de tradição clássica. A análise é feita a partir da relação do acervo artístico-cultural da referida companhia de dança, entremeado aos depoimentos orais de alguns bailarinos que participaram da montagem. Ao revisitar o trabalho de dança Tribana, intenciona-se ativar a memória da dança artística de Belo Horizonte, refletir sobre as diversas formas de influência acionadas no campo da experiência artístico-estética, assim também como assinalar as transformações que são acrescentadas no processo formativo do artista contemporâneo no campo das poéticas das artes da cena.

PALAVRAS-CHAVE: experiência artística: Tribana: processo de formação.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection on the work of contemporary dance titled Tribana (Tribal, 1983) performed by the Cia de Dança Palácio das Artes in the capital of Minas Gerais's state, understanding its artistic and conceptual importance, introducing elements that can be considered, nowadays, as an expanded experience. This experiment provides, in the 80s, the awakening of the experience in the art scene expanded by introducing interlacing borders between dance, performance and theater, creating a breach of aesthetic standards, innovative factor and performed for the first time in the trajectory of Cia mining, which breaks with its own barriers of classical tradition. The analysis is based on the relationship of artistic and cultural heritage of the mining dance company, interwoven with oral testimonies of some dancers who performed in Tribana's setting. This article intends to turn up the memory of artistic dance of the city of Belo Horizonte, reflect on the various forms of influence driven in the field of artistic-aesthetic experience, as well as also note the changes which are added in the formative process of the contemporary artist in the field of poetic art scene

KEYWORDS: artistic experience: Tribana: formative process.

O presente artigo propõe uma reflexão sobre o trabalho de dança contemporânea intitulada *Tribana* (1983), apresentado pela Cia. de Dança Palácio das Artes – CDPA, da capital mineira, por entender sua importância artística e conceitual ao introduzir elementos que podem ser considerados, na atualidade, como uma experiência expandida. O conceito de experiência expandida advém das artes contemporâneas, mais especificamente, do cinema e da fotográfica¹. Desta forma, a experiência expandida no balé *Tribana* significa a abordagem vanguardista utilizada no processo criativo de sua montagem, ao promover uma ruptura dos paradigmas formativos e estéticos vigentes, por ampliar os limites de espaço, introduzindo novos pontos de vista na relação artista-público e por combinar uma poética do teatro performativo com a dança.

O balé *Tribana* traz em sua gênese o desejo de renovação, de busca por uma identidade própria da CDPA ao investir na possibilidade de um repertório contemporâneo, diversificando-se da estética do balé clássico, basicamente empregada até então. Estética essa necessária, mas não suficiente para a demanda dos novos tempos que se fazem sentir na dança artística na Capital mineira. Mas em que contexto a Cia é criada e como surge a demanda para o trabalho *Tribana*?

Juntamente com a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais [OSMG] e o Coral Lírico de Minas Gerais [COLMG], a Cia. de Dança Palácio das Artes [CDPA] compõe os três Corpos Artísticos da Fundação Clovis Salgado, constituindo-se uma das principais companhias de dança do Brasil. A história dos Corpos Artísticos se confunde com a da Fundação, criada na década de 70, a qual surge para atender à demanda da Capital por um espaço de fomento à arte. Da mesma maneira, a trajetória da Cia. entrelaça-se com a constituição da dança artística de Minas Gerais, refletindo as significativas transformações pelas quais têm passado os percursos formativos e profissionalizantes da dança teatral da Capital.

A Cia. foi fundada pelas mãos do gaúcho e mestre de balé Carlos Leite (1914-1995) em Belo Horizonte em 1971, o qual tem sua formação e profissionalização constituída basicamente por artistas russos que excursionam pelo Brasil e nele se estabelecem, dedicando-se à formação artística. Entre eles destacam-se: a bailarina russa naturalizada brasileira, Maria Olenewa, diretora da Companhia do *Teatro Municipal* do Rio de Janeiro, onde Leite exerce a função de bailarino por muitos anos; e o bailarino e mestre russo Igor Schewezoff, com quem forma o *Ballet da Juventude*, exercendo as funções de bailarino, coreógrafo e diretor de cena. Após anos de profissionalização, Leite

1

Gene Youngblood, autor do livro *Expanded Cinema*, já apresenta o conceito de expansão da linguagem na década de 70, na intenção de entender as novas manifestações do cinema, ao se tornar expandido por sofrer influência e contaminações diversas das artes plásticas e visuais, da TV e das novas tecnologias. Igualmente, Andréas Müller-Pohle, crítico, fotógrafo e editor europeu, torna-se o primeiro a definir o conceito de fotografia expandida, por ampliar seus limites ao captar a percepção dos novos tempos e espaços.

volta-se para projetos de cunho pessoal, os quais incluem sua mudança para Belo Horizonte (cidade que o interessou desde que a conhece em turnê com o *Ballet da Juventude*), como também idealiza a criação daquela que será a pioneira escola de formação de Dança Clássica do Estado.²

Desta maneira, Leite imprime sobre a recém-formada companhia de dança o formato por ele vivenciado e experienciado – o perfil de uma Escola Estatal de Dança Clássica. Nasce sob sua tutela, portanto, o *Ballet de Minas Gerais* (1948-1971), o qual se desenvolverá, sofrerá mudanças, e virá a se transformar no que conhecemos hoje como a companhia estatal de Minas Gerais – CDPA³. A incorporação do *Ballet de Minas Gerais* à Fundação do Palácio das Artes vem de encontro às necessidades do Estado, que, ao dar início às atividades de um centro cultural, tem urgência de constituir também uma companhia estatal de dança. Assim, a partir de 1971 é inaugurado o Grande Teatro do Palácio das Artes, adquirindo o grupo de Carlos Leite “o status de Corpo de Baile da Escola de Balé da Fundação”.⁴

O balé *Tribana* é idealizado no ano de 1983, em um ambiente onde o Brasil respira seus últimos anos de uma Ditadura Militar enfraquecida (1964-1985). O contexto do país encontra-se, então, voltado para a abertura política, preparando-se para um governo democrático, quando já se percebe uma organização para o *Movimento Pelas Diretas Já*, de 1984.⁵ Em consonância com seu tempo, a Cia. encontra-se em seu próprio movimento interno de abertura na busca por uma personalidade própria para o grupo. De acordo com o arquiteto, cenógrafo, e então, Diretor de Produção Artística do Palácio das Artes, Raul Belém Machado, a Cia. necessita ter uma “definição de caráter” que reflita os anseios do grupo de “formarem um todo emocional, que trabalha junto”⁶. Imbuídos deste espírito, a Direção Artística do Palácio das Artes

2

A Escola de Dança Clássica de Leite é inaugurada em 15 de março de 1948 na cidade de Belo Horizonte e entre seus primeiros alunos do sexo masculino estão os mineiros Klauss Vianna e Décio Otero. (REIS,2010,p.32)

3

Anteriormente à investida de formação profissional de dança de Carlos Leite, a cidade conta com a iniciativa e dedicação dos estudos do movimento de dança da professora mineira Natália Lessa, que desde 1934 estabelece-se na Capital e será responsável por muitas daquelas que formarão a primeira geração de profissionais do Estado. (ALVARENGA,p.59,2006)

4

REIS,2010,p.45-46.

5

Revista Tempo e Argumento, v.6,n.11,(2014).

6

convida a coreógrafa Dulce Beltrão⁷ para a investida no trabalho moderno de dança, em prol da diversificação do repertório da Cia.

Personalidade consagrada da cena artística do Estado, Dulce Beltrão “dará sequencia e novo significado ao moderno na produção de dança em Belo Horizonte”⁸, após a saída de Klauss e Angel Vianna da Capital.⁹ A artista introduz uma proposta provocadora ao propiciar um conjunto de experiências expandidas para além da zona de conforto dos bailarinos – O Balé Clássico e o Espaço da Sala de Aula –, e inicia um jogo de proposições por ações, atitudes e abertura para experiências de movimentos autorais, num processo de laboratório inédito para a Cia Estatal.

Diante das novas propostas, surgem entre eles atitudes de resistência, como também surgem bailarinos com posturas propositivas, que se arriscam no jogo criativo. É o caso de David Mundim e de Lucas Cardoso. Segundo Beltrão, serão eles os mais movidos à criação, assim também como outros terão verdadeira dificuldade dentro da mesma proposição. A partir de então, Beltrão, como que em um “processo colaborativo” do teatro¹⁰, incentiva a ambos a coreografar conjuntamente com ela. *Tribana* torna-se uma obra onde “a coreografia não” é “imposta, mas criada em parceria com os próprios bailarinos”.¹¹ Por sua vez, Mundim (2014)¹², ao falar de sua experiência no

Entrevista à Revista *Debulha*, Patos de Minas-MG, 1984.

7

Bailarina, Coreógrafa, Coordenadora, por vezes, do Festival de Inverno, Diretora Artística do Studio Anna Pavlova conjuntamente com a Diretora e Bailarina Sylvia Calvo, a belorizontina Dulce Beltrão encontra-se na primeira turma de dança formada por Leite, contemporânea e partner de Klauss Vianna. (MEIRELES,2012)

8

Ressalto o percurso artístico profissional de Beltrão que passa por ser Assistente de Coreografia de Leite, tornando-se a primeira coreógrafa (mulher) da 1ª emissora de TV do Estado, a TV Itacolomi (1955-1980), a “TV dos mineiros”. (BRANDÃO,2011)

9

ALVARENGA,2010,p.18.

10

De acordo Silva (2002,p.101), o processo colaborativo caracteriza-se por um trabalho onde os integrantes tem igual espaço propositivo, a partir de suas respectivas funções específicas, onde a autoria da obra é compartilhada.

11

Entrevista concedida à autora em 13-11-2014.

12

trabalho *Tribana*, considera: “Naquela época foi assim um divisor de águas porque a companhia, como a gente falou antes, tinha aquele padrão de companhia, não é? [...] E aquilo ali veio, sei lá, dar uma injeção de ânimo nas pessoas e mudou o rumo da companhia.” O bailarino revela, inclusive, que *Tribana* lhe rendeu um convite para coreografar fora da Cia.

Ressalto a metodologia inovadora empregada por Dulce Beltrão, quando esta promove uma quebra de paradigmas e abre um campo de novas experiências, literalmente sensível aos novos tempos e espaços. Beltrão, como que “estabelecendo uma ponte entre a tradição e os ventos da modernidade nessa arte”¹³, convida os bailarinos a saírem da sala de aula e percorrerem as dependências do teatro do Palácio das Arte. A diretora assinala (2014) que, tal proposta constitui-se em “uma loucura” para eles, uma situação “inusitada” e, a princípio, desconfortante – caminhar pelas dependências do Grande Teatro, ao invés de fazer uma boa aula de balé! Aos poucos, as resistências por parte dos bailarinos vão sendo vencidas. E, pela simples ação de andar pelos espaços da Instituição, algo se transforma, mesmo passando por lugares antes já percorridos: o foyer, as escadas, o balcão da plateia, os nichos nas paredes... Promove-se uma nova postura, um novo olhar, sensações ampliadas se configuram. O todo se faz convidativo para ser apropriado como espaços performáticos. Se, no princípio, alguns bailarinos se recusam a sair da sala de aula, aos poucos se entregam e experimentam a emoção de participarem como coautores no processo criativo. A Cia. construirá, assim, um campo performático de interação com o público desde o foyer, passando pelo balcão, pela plateia, até chegar à caixa preta. Sabemos o quanto essa prática se tornou comum e ainda hoje é utilizada, mas imaginemos sua aplicabilidade há 41 anos.

Dulce Beltrão, em suas considerações finais sobre a montagem de *Tribana*, entende que o processo criativo acaba por despertar um novo ânimo entre os bailarinos, favorecendo com que eles deixem de ser apenas “executantes” para, “estarem ativos dentro da companhia”. A experiência expandida de *Tribana* não só alcança o reconhecimento do público, como aciona a abertura desejada pelo grupo: espaços internos e externos de atuação ativados – um sentimento de pertencimento; promoção de abertura para novas propostas estéticas; interação entre artista e público; potencialidades autorais coreográficas acionadas.

REFERENCIAL

ALVARENGA, Arnaldo Leite de. Dulce Beltrão: o sentimento em dança. Livro 4. Série Personalidades da Dança em Minas Gerais – Prêmio Funarte Klauss Vianna para a Dança 2009. Org. Arnaldo Leite de Alvarenga. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2010.

Entrevista concedida à autora em 09-09-2014.

A Companhia de Dança do Palácio das Artes in
Corpos Artísticos do Palácio das Artes: trajetória movimentos. *Fernando* Antônio
Mencarelli, Arnaldo Leite de Alvarenga, Ernani de Castro Malleta, Maurílio Andrade
Rocha. – Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais,
Fundação Clovis Salgado, 2006.

BRANDÃO, Cristina, C.; Lins, F.; Maia, A. – Itacolomi – uma TV para Minas
Gerais. Revista FAMECOS, v.18, n.3, p.877-893, set./dez. Porto Alegre, 2011.

MEIRELLES, Renata. A Anistia Internacional e o Brasil: o princípio da não-
violência e a defesa de presos políticos. Revista Tempo e Argumento, v.6, n.11.
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC: Programa de Pós-
Graduação em História – PPGH. Florianópolis –, 2014.

MEIRELES, Tânia Mara Silva. Considerações Sobre o Surgimento do Conceito
Baileteatro Em Belo Horizonte. Anais do VII Congresso da ABRACE. Porto
Alegre, 2012.

REIS, Glória Ferreira. Carlos Leite: tradição e modernidade. Livro 2. Série
Personalidades da Dança em Minas Gerais – Prêmio Funarte Klauss Vianna
para a Dança 2009. Org. Arnaldo Leite de Alvarenga. Belo Horizonte: Instituto
Cidades Criativas, 2010.

SILVA, Antônio C. de Araújo. A Gênese da Vertigem. O Processo de Criação do
Paraíso Perdido. Dissertação de mestrado. Departamento de Artes Cênicas da
ECA-USP. São Paulo, 2002.